

Ciência e Verdade

Karl Jaspers

Cinco séculos convidam-nos a perguntar-nos de onde viemos, o que queremos, e quais as tarefas que nos esperam¹.

A Universidade medieval vivia, do ponto de vista intelectual, fechada sobre si mesma. A teologia reinava sobre as demais disciplinas. Sobre os velhos bastões do bedel, via-se o Cristo repartindo as ciências entre as diversas faculdades. Foi preciso esperar a filosofia independente, as ciências modernas e o novo humanismo, que surgiram em grande parte de fora da universidade, para que nossas estruturas intelectuais fossem renovadas em profundidade e publicamente. Este processo está longe de acabar. Se ele é tão radical, é porque a própria noção de verdade alterou-se. E o ponto de articulação desta mudança é o surgimento de uma ciência moderna.

Ciência e Verdade, tal é o tema que nos guiará na análise da significação da Universidade moderna e na definição de suas tarefas face à catástrofe universal que nos ameaça.

I

A ciência moderna é um fenômeno que não possui equivalente em toda a história da humanidade; ela é peculiar ao Ocidente. A China e a Índia dela conheceram apenas algumas noções iniciais e imprecisas; por outro lado, devemos à Grécia um sem-número de idéias geniais, mas que permaneceram sem mútua relação e que por isso não foram muito longe. Em poucos séculos, ao contrário, eis que o Ocidente mostrou o caminho do desenvolvimento intelectual, técnico e so-

1 Este texto foi escrito para uma conferência pronunciada por ocasião dos 500 anos da Universidade de Basileia —30 de junho de 1960— e foi traduzido por Antônio Abranches.

ciológico, arrastando consigo toda a humanidade. Atualmente, este movimento experimenta uma aceleração desmesurada.

Começou a se constituir —nas oficinas dos artistas, nos laboratórios dos alquimistas, no gabinete do filósofo nominalista, nas observações rudimentares, nas coleções botânicas e zoológicas, sob a pena dos humanistas, nas chancelarias e nos meios políticos ou administrativos— um modo de pensar que acabamos conhecendo como o moderno espírito científico, único para além de todas as suas manifestações e englobando todas as atividades do espírito.

Esta ciência é, em primeiro lugar, um questionamento metódico guiado pelo conhecimento deste método e de seus limites. Em segundo lugar, ela traz consigo uma certeza coerciva que se apóia em, e se dirige para o que permanece incerto. Em terceiro lugar, ela é válida para todos, não apenas de direito, mas de fato.

Eis por que o conhecimento científico se reveste de um caráter de evidência universal.

Como é possível que algo tão evidente para nós só tenha aparecido no Ocidente? Não falarei das condições favoráveis, como a liberdade derivada do dualismo Igreja-Estado, o contato entre o Cristianismo e o Islã, os cismas religiosos e a multiplicidade de nações. Interrogar-me-ei sobretudo a respeito dos móveis internos deste espírito de pesquisa, universal e expansionista. É, sem dúvida, possível discernir alguns deles.

Ordinariamente, a filosofia grega concebe o cosmo como uma perfeição racional e eterna. Todo o resto: o que não busca o mesmo fim, o que estorva o pensador, em suma, o mal, todo o resto não é nada; é a matéria, que não é cognoscível e que, de mais a mais, não vale a pena dedicar-se a conhecê-la. Os gregos não experimentavam nosso interesse apaixonado por toda realidade, qualquer que ela seja. Como dizia Hegel: «Para se perguntar pelo propósito mesmo das coisas, é preciso ter uma consciência muito viva do seu próprio Eu.»

Esta viva consciência tem origens bíblicas. Se me encontro perante Deus, e se o mundo é para mim apenas uma morada passageira, mas, ao mesmo tempo, uma criação de Deus, segue-se que, de um lado, é uma realidade de segunda categoria, que não se explica por si mesma e que não é eterna, mas de outro lado, que ele é bom, pois criado por Deus. Assim, tudo que existe merece ser estudado. Nada, nem as coisas ínfimas, nem as coisas incomensuráveis, nem as coisas que nos cercam, nem as que se encontram mais distantes e nos são estranhas, nada deve permanecer oculto ou constituir um segredo intangível. O mundo terminará por se render à nossa urgência de precisão, à nossa reflexão sobre tudo o que existe: a mão recairá sobre todos os objetos, nossos sentidos os perceberão, e deles tomaremos ciência. Se Deus é, acabaram-se todos os demônios, a magia, as potências cósmicas e as venerações injustificadas.

Todavia, o desejo grego de descobrir o universo em sua totalidade persistiu na mentalidade ocidental. A partir daí, o conhecimento foi concebido como uma reconstituição dos pensamentos que Deus teria tido durante o ato criador. Deus faz assim, as vezes de arquiteto do mundo, de matemático, de *razão cósmica*. Subsistiu, também, a tendência grega em ver naquilo que não concorda uma não-existência. «Tanto pior para os fatos!», era ainda a reação de Hegel

quando os fatos contradiziam suas deduções. Estas contradições só provavam, segundo ele, «a impotência da natureza em obedecer às idéias»; elas atestam apenas aquilo que, na história, é acidente sem consistência ou interesse.

A concepção bíblica opõe-se a esta herança grega, que não favorecia nossa consciência de nós mesmos e do mundo. A criação divina não permite tratar com negligência o que realmente existe. Melhor ainda: a sede de verdade do pesquisador o induz a perguntar-se precisamente por aquilo que contradiz as leis descobertas até então. Sua teoria é constantemente posta a prova pelos fatos, mas, longe de renunciar a si mesmo, ele se reencontra aperfeiçoado. Ele sabe que conhece de um modo humano e limitado, progredindo em direção a um alvo que se situa no infinito, e despreza toda teoria que pretenda aportar uma explicação geral e definitiva.

Eis por que não existe mais hoje em dia uma concepção do mundo que possa impor-se. O espírito humano não tem acesso à unidade de um saber global; outrora, os filósofos acreditavam nesta unidade, mas ela é apenas um mito. Por definição e para sempre, as ciências são *inacabadas*.

Da mesma forma que o que não coincide com a teoria funciona como polo de atração, do mesmo modo, o que se opõe ao propósito do cientista, o que lhe é funesto, termina por aguilhoar a vontade de conhecer. O mundo está cheio de horrores. *Dá-se assim com ele*, constata necessariamente nossa vontade de verdade. Sendo Deus o criador do mundo, atribui-se a ele uma espécie de responsabilidade. O conhecimento é um processo que se faz por Deus, em favor de Deus. Pois é Deus que quer que sejamos tomados pela verdade; Ele não quer ser apreendido através de uma ilusão. Assim, ele condena os teólogos que queriam consolar e exortar Jó por meio de dogmas e sofismas.

Colocamo-nos apaixonadamente esta questão: *Como reencontrar os pensamentos de Deus por trás das realidades do mundo?* Esta é uma questão limítrofe: nossos pensamentos não são os pensamentos de Deus, e os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, mesmo quando a ciência descobre em pormenor, uma regularidade, uma beleza ou uma perfeição inesperada e surpreendente.

Mas aquele processo de que falamos é, ao mesmo tempo, o processo que o pesquisador faz de seu próprio ideal: este é posto em questão. Do mesmo modo que o homem de ciência busca tudo aquilo que possa contradizer sua teoria e tudo aquilo que previu, da mesma forma, o filósofo moderno procura seus adversários. É necessário, aparentemente, combater-se a si próprio para fazer aparecer a verdade.

A par destas motivações bíblicas, há uma outra de caráter profano. A noção de aventura e de descoberta se traduziu, no plano intelectual, pela audácia de querer ir mais além de todos os horizontes.

Dante escolheu Ulisses para encarnar, por antecipação, a ciência moderna. Nem o amor ao país, nem os reclamos de sua família, podem triunfar sobre sua paixão, que é a de «que nada permaneça oculto para mim». Diante das Colunas de Hércules, este marco construído «a fim de que o homem, tendo chegado aqui, retorne sobre seus passos», ele exorta seus companheiros nos seguintes termos: «Não recusai aos dias que vos restam viver o prazer de aprender ainda uma só coisa: se nós conseguirmos, seguindo o caminho do sol, lançar o olhar sobre o mundo desabitado... A vida não vos foi dada para que vegeteis como animais,

muito mais para que conquisteis a glória e o saber.» Eles navegaram durante cinco meses. Os astros do outro hemisfério se levantaram no horizonte. «Então nós vimos uma enorme montanha surgir do mar»; era a montanha que abriga o Purgatório; eles haviam ido longe demais. Da montanha veio uma tempestade, e o mar engoliu a tripulação junto com o navio. Dante crê, pois, que o homem fracassa por ter tido a audácia de transpor os limites que lhe são impostos.

Nada detém a ciência moderna. Ela vai até o fim. Uma idéia lhe parece de início absurda? Ela persiste, até alcançar uma nova certeza capaz de lhe revelar os fatos. Já durante a Antiguidade, o homem começou a desafiar as aparências com o desenvolvimento de seu espírito; foi assim, por exemplo, que ele compreendeu a noção de perspectiva e pôde aplicá-la à astronomia («a lua é mais vasta que o Peloponeso»); mas ele permaneceu prisioneiro da percepção. Hoje, as ciências da natureza ousam reconstituir por intermédio das matemáticas o que é mais paradoxal para nossa percepção; ela obtém assim verdades incontestáveis, confirmadas pela experiência; as mais recentes concernem à física nuclear e nos permitiram liberar a energia do universo atômico.

Um terceiro motivo pode ser encontrado na oposição epistêmica que se verifica entre a contemplação do que espontaneamente se revela (a *teoria* dos Antigos) e a atividade mental produtiva cujos *constructos* vão de encontro a uma coisa invisível que deriva do mundo fenomênico.

Esta atividade mental torna-se a forma do conhecimento propriamente dito. Só conheço aquilo que posso fabricar, dizia Kant. E Vico precisava: «A História é a mais verídica das ciências, pois através dela, apreendemos o que nós mesmos, os homens, fizemos.»

Assim, o conhecimento reside seja no fato de que aquilo que ele por si mesmo produz é seguro (ciências da natureza), seja no fato de que o homem, depois de haver agido, conclui através do pensamento o que acabou de produzir e de fazer (história), seja ainda na produção de uma ação interior, fundamento da ação prática (filosofia).

Mas o motivo *conhecimento através da produção* pôde ser invertido pela vontade de potência.

Das ciências da natureza derivou a técnica. Ela, no primeiro momento, atuou conforme seu destino: libertou o homem de suas dificuldades, e suscitou modos novos de existência. Mais tarde, tornou-se ambígua, a partir do momento em que desenvolveu paralelamente chances de progresso e riscos de destruição. Para terminar, ela se perverteu no dia em que fez da produção de objetos um fim em si.

A ciência histórica deu lugar a uma reflexão prática de ordem sociológica; esta também manteve-se de acordo com sua destinação enquanto discutia as realidades e possibilidades de ação e de planificação; mais adiante ela se perverteu quando, ao pretender aportar um saber absoluto, permitiu que se tentasse, por intermédio de uma planificação radical, apoderar-se da história.

Da filosofia enfim, derivou a técnica que permite dirigir os espíritos, moldar a personalidade humana e inculcar doutrinas, até o ponto em que não seja mais possível a um homem ser livre e ser ele próprio. Renegando o espírito científico, a filosofia tornou-se ditatorial, ou então disfarçou-se nisto que se chamou psicanálise, e que é apenas uma caricatura de ciência filosófica.

Quem quer que tenha feito a experiência do saber entendeu em si mesmo o apelo: *sapere aude* (ouse saber!), que o convida a ter a coragem de não se deter no

caminho. A busca do saber não é uma ocupação inocente. Suas conseqüências não podem ser definidas de antemão. *O aparecimento da ciência moderna é também o aparecimento de uma catástrofe.* Eis por que de outra parte ela encontrou desde o início uma certa resistência. Diz-se que saber bem pode ser um sacrilégio. Os sábios experimentaram, por vezes, este pavor e vimos surgir, entre eles, uma inquietude na consciência.

Entre a maior parte de nossos contemporâneos, este sentimento deu lugar a seu contrário. O homem moderno pressiona botões, gira um volante, aciona uma alavanca, e tem a luz, o som, o telefone, o aquecimento. Ele anda de bonde, de trem, de carro ou de avião. Não tem necessidade alguma de saber exatamente que fenômenos físicos estão implicados nestes gestos. A ciência e a técnica se ocupam disto para ele; elas farão tudo o que for necessário. Elas, por assim dizer, fabricam nossa felicidade. O especialista tudo pode, ou ao menos, cedo, tudo poderá. Cada um é especialista num domínio exíguo, e espera dos demais especialistas aquilo do que tem necessidade. Todos vivem como se tudo fosse dirigido a partir de um centro único. Mas este *centro* não é ocupado por um especialista; neste *centro* não há ninguém. Eis por que a superstição da ciência criou um incurável dissabor da existência e o sentimento, tipicamente moderno, de que se foi inteiramente enganado, que desemboca seja no desespero, seja numa indiferença que produz os mesmos efeitos.

A *superstição da ciência*, que não sabe o que é a ciência em realidade, acredita poder apreender —através dos aparelhos que utiliza— a verdade em sua totalidade, como se fora um fragmento, e ao mesmo tempo a realidade e a felicidade; ela imagina que tudo o que existe pode ser conhecido desta maneira e que não há nenhuma outra forma de conhecimento. Esta superstição é pois incapaz de perceber tanto a verdade quanto a realidade.

As próprias ciências, ao contrário, têm um ponto de vista completamente distinto. Elas sabem que existe uma infinidade de questões para as quais elas jamais possuirão a resposta e as quais, nem por isto, evitam. Assim, o domínio do conhecimento científico, caracterizado pela exatidão coerciva e universalmente válida, não pode ser apresentado como constituindo a verdade absoluta.

Aqui nós reencontramos o critério decisivo. *A ciência, sem dúvida, produziu uma noção nova da verdade, que é precisa e extremamente útil, mas tal noção encontra-se longe de abarcar toda a verdade. De fato, a noção científica da verdade, definida por uma precisão universalmente válida, deixa campo para uma outra verdade, que chamaremos de englobante.*

Sem querer negar o conhecimento científico, e mesmo, pelo contrário, apoiando-se nele, deve-se admitir que o salto em direção à transcendência continua possível. Ele pode ser elucidado pelo pensamento filosófico.

A condição deste salto é que se tenha uma nítida consciência dos *limites das ciências*.

Quando nos interrogamos sobre as origens do universo, da vida, da consciência do ser e do progresso do espírito humano ao longo dos tempos, nos encontramos com limites de fato. Não compreendemos jamais integralmente, nem a matéria, nem a vida, nem o começo ou a ausência de começo, nem a continuidade ou a solução de continuidade; a única coisa que podemos fazer, é progredir no conhecimento, em direção ao infinito.

Em todo caso, o conhecimento científico pressupõe que nos afastemos da totalidade. «Quase todo progresso, nas ciências naturais, foi obtido ao preço de uma renúncia», diz, por exemplo, Heisenberg; «cada vez menos, os pesquisadores podem esperar compreender o mundo».

Pode-se dar uma definição geral dos limites do conhecimento científico em seu conjunto:

O conhecimento científico das coisas não é um conhecimento do ser. Com efeito, toda ciência é particular; ela se refere a certos objetos, certos aspectos da realidade, mas não ao próprio ser.

O conhecimento científico não saberia dizer ao homem qual o propósito de sua existência. Quanto mais ele é preciso em relação ao seu próprio tema, mais ele nos remete a uma outra origem que lhe é inacessível: nossa liberdade.

A ciência não pode responder à questão de seu próprio significado. Se deve existir uma ciência, isto se dá em virtude de uma vontade primitiva de saber, a qual a ciência não é capaz de justificar.

A cada passo, o conhecimento científico necessita de pressupostos. O único momento em que ele não se encontra condicionado é aquele em que conhece, ou ao menos tenta conhecer o que ele mesmo pressupõe em cada caso particular. O limite da ciência moderna, está em que cada um de seus pressupostos tem, necessariamente, um caráter hipotético; e está, portanto, privado de valor absoluto.

Os limites das ciências são para nós como marcos indicativos. A verdade exige algo mais que a mera ciência. Esta outra verdade é, também ela, objeto de reflexão.

A ciência busca o que possa coagir todo ser racional; de sua parte, a reflexão sobre a verdade busca convencer o homem em vista de sua existência.

O conhecimento científico é obtido por uma sucessão de pesquisas particulares; ele é uno e idêntico para todos. Ao contrário, a convicção obtida no conhecimento filosófico (racional) ou teológico (revelado) é múltipla, e está longe de ser idêntica para todos.

A verdade científica depende do método e do ponto de vista adotados, mas dentro de seus limites, ela é universalmente válida. A verdade filosófica ou teológica, ao contrário, é absoluta para quem quer que viva em seu interior, mas em sua formulação objetiva, ela é múltipla e não tem força de lei que a todos submetta.

Eis portanto a situação inevitável e, ao mesmo tempo, insuportável para o conceito científico de exatidão: a verdade, que possui um valor absoluto para quem quer que se declare seu adepto, e que, por isto mesmo, dá todo o sentido à vida e à própria pesquisa, tal verdade não pode mais ser uma só: ela só é real no conflito das forças espirituais.

A exatidão científica é a exatidão comum da razão, que constitui em todos os homens o mesmo ponto da consciência pensante em geral. A verdade filosófica ou teológica é o que nos une na comunicação daquilo que, de uma a outra existência é infinitamente diverso.

Há cinco séculos, a antiga noção global de ciência deixou de ser aceita. Entretanto, não nos demos conta disso imediatamente. Continuamos a dar o mesmo nome a qualquer tipo de conhecimento, quer se tratasse de exatidão coerciva ou de verdade englobante, de física ou de teologia.

Mas isto que as ciências modernas excluem, ou incluem de modo vago, sempre foi e permanece sendo ainda uma verdade.

De fato, a *filosofia moderna* surge no mesmo momento em que as ciências — mas a partir de uma origem diversa. Ela buscou definir um novo conhecimento dos objetos de fé que fosse racional e não dependesse mais da revelação, assim como a ciência buscava um conhecimento do mundo que fosse, também ele, independente face à revelação.

Como ambas tinham em comum esta independência perante as verdades reveladas, a filosofia moderna foi assimilada à ciência moderna; assim fazendo, ela cometeu, a seu próprio respeito, um contrasenso fatal. Esta é a razão pela qual a grande filosofia moderna se apresentou sob uma forma mal adaptada à sua verdadeira natureza. Repetidamente ela se perdeu tentando confundir-se com a ciência moderna, já que lhe era impossível cumprir o quesito de certeza coerciva posto pelo conhecimento científico. Assim, ela foi desprezada e terminou por sofrer de *má consciência intelectual*.

Mas, a filosofia moderna não pode apresentar-se sob seu verdadeiro aspecto, a não ser que reconheça nos disfarces, dos quais deverá se desembaraçar (tanto o pensamento dogmático da Igreja quanto o da ciência moderna), verdades que lhe são estranhas. Em relação a estas verdades, ela reconquista sua própria origem eterna. Tocada por uma crença revelada, ela não cessa de compreendê-la, ou ao menos, de tentar compreendê-la em sua incompreensibilidade. A ciência representa para ela a verdade coerciva restrita a um dado momento.

Eis por que as *novas tarefas da filosofia* são as seguintes:

1. *Dado que o homem e o mundo são inesgotáveis, a ciência moderna não será jamais completada, seu destino será o de seguir indefinidamente seu caminho, de permanecer, perpetuamente insatisfeita. Mas a liberdade humana, que se acha no mundo e que não está submetida a este modo de conhecimento, se reencontrará na atividade filosófica.*

2. *Dado que o mundo é inesgotável, não nos é permitido ver no ser do mundo uma realidade absoluta. A filosofia está aí para chamar a atenção para algo que não o mundo cognoscível: a existência e a transcendência.*

3. *Embora a ciência nos tenha liberado da magia e dos demônios, ela também nos fez perder a presença do fundamento supra-sensível. A filosofia reconstitui a tradição histórica rejeitada, na forma de um universo de cifras; nestas criações do espírito humano, a realidade supra-sensível foi recolhida; pode-se dizer, igualmente, que nas cifras, o homem percebe em símbolos, mitos e especulações filosóficas a linguagem desta realidade englobante.*

Nesta nova situação do conhecimento, o que parecia perdido reaparece, com o intuito de elucidar a existência através de cifras. Com efeito, estas poderiam —por sua linguagem branda— ser mais eficazes para o homem tomado de verdade, do que o aspecto concreto de uma pseudo-realidade supra-sensível.

Este concreto se dirige a nós como seres dotados de uma razão limitada e de sentidos; ele nos reduz à escravidão. A realidade supra-sensível (transcendência) se dirige a nós como existências razoáveis e nos liberta. A ciência permite suprimir o concreto por meio da pura linguagem das cifras. A filosofia quer salvar a gravidade das cifras e encetar —em cifras contra cifras— o

combate do espírito existencial contra si mesmo, pelo fundamento do ser; combate que jamais estará concluído.

Haveria então dois tipos concorrentes de verdade, sem relação recíproca, a da ciência e a da filosofia? De modo algum; é mais correto dizer que, em cada ciência, estes dois tipos de verdade se afastam para reencontrarem-se em seguida.

Vejamos como isso se passa nas ciências naturais. As convicções adquiridas por um ato de fé, e que não constituem ainda a ciência, continuam servindo de motivação à pesquisa. Einstein, por exemplo, exprime à sua maneira uma «convicção aparentada ao sentimento religioso, mas ocupada com a racionalidade ou inteligibilidade do mundo». Ele acreditava que não se chegará jamais a apreender a totalidade dos fenômenos, que será impossível simplificar ao máximo as hipóteses de base. Eis por que este sábio confessa: «Acabaremos por conciliar estes objetivos contraditórios? No estado ainda primitivo de nosso saber, a resposta a esta pergunta é uma questão de fé. Sem esta fé não poderia haver a convicção inabalável de que o conhecimento tem um valor em si.»

Ocorre o mesmo na biologia. Esta ciência supõe que a vida pode, por definição, ser comprovada. Aquilo que aos olhos da fé filosófica permanece vago, a biologia demonstra com precisão objetiva, por meio de métodos de conhecimento coercivo. Para manter-se consciente dos limites da ciência biológica, enquanto se está no caminho do conhecimento real, é preciso não afastar-se jamais de seu espírito crítico.

A situação é distinta com a teologia: ao contrário do que ocorre com as ciências da natureza e com a história, ela repousa sobre o antigo princípio das ciências: o conhecimento pela fé. As ciências modernas são para elas apenas meios. Mas eis que um meio passa a dominar seu próprio fim! Um célebre teólogo de Basiléia, Overbeck, falava em seus cursos de suas pesquisas históricas, sem se perguntar se seus assuntos haviam sido escolhidos no interesse da religião, nem se seus resultados a serviam. Ele não falava a seus estudantes sobre o que ele pessoalmente acreditava. Chegava mesmo a afirmar que não partilhava da fé cristã. Mas isto não tinha nenhuma importância quanto à seriedade de suas investigações, nem quanto à sua exatidão.

No caso das ciências históricas, a busca de exatidão e a direção filosófica têm a mesma importância. O humanismo —este grande movimento no qual escritores, sábios, homens de Estado e teólogos procuraram conduzir o homem à sua perfeição pela redescoberta da Antiguidade—, foi uma filosofia prática; seu herói é Thomas More, e seu sábio mais ilustre, Erasmo.

A consideração sistemática das obras da Antiguidade, sua pesquisa, sua publicação e comentário resultaram no surgimento da filologia e da história; estas passaram, desde então, a fazer parte do corpo de ciências modernas e, como elas, se encontram, a partir deste momento, em constante desenvolvimento. Nelas, entretanto, a questão de saber como sua compreensão da significação resulta em conhecimento objetivamente coercivo nos conduz a uma crítica que não é possível levar à perfeição: como apresentar, de modo universalmente válido, os fatos de uma significação anteriormente concebida, no momento em que esta se desenvolveu, assim como as consequências ou contradições inter-

nas desta significação e seus efeitos de ordem causal? Onde se encontra o limite que dela deriva, a partir do qual a fé filosófica e o poder de percepção começam a determinar a pesquisa?

Em cada ramo do conhecimento científico, deve-se por em termos diferentes o grande problema de saber aquilo que, nas ciências, é a própria ciência, e aquilo que delas se deve separar para constituir a ciência pura.

Em todos os casos, ao contrário, um princípio permanece válido: *na medida em que a ciência é coroada de sucesso, as convicções são suspensas para que se possa examinar o que elas produziram de conhecimento válido para todos*. Neste sentido, as convicções são rebaixadas ao nível de órgãos do conhecimento científico.

As motivações e a perspicácia dos pesquisadores permanecem ligadas à verdade englobante, mas não a exatidão de suas descobertas. Eles não podem chegar a um acordo, a não ser no plano do conhecimento coercivo. No plano das motivações e da possibilidade de compreender, ao contrário, eles são movidos pela verdade múltipla, e, em consequência, encontram-se em irremediável divergência.

Deste modo, a filosofia encontra-se presente nas próprias ciências. É verdade que ao separar-se da filosofia, a ciência torna-se pura; mas é o vínculo com a filosofia que lhe confere seu conteúdo. Quando se as confunde por falta de espírito crítico ou se as separa nos fatos, tanto uma como a outra se ressentem.

Enquanto não houvermos compreendido três coisas: que a ciência absolutizada não é verdadeira, que o mundo cognoscível é infinito e que as cifras podem servir de expressão à realidade profunda, o mundo do moderno conhecimento científico e da técnica produtiva continuará —apesar de seu grandioso brilho próprio, mas nem por isto ilimitado— a ser, para o homem, um lugar de escuridão, justo o inverso daquilo de que ele tem necessidade. Este mundo está, com efeito, privado da existência e da transcendência (poder-se-ia dizer: da liberdade e de Deus), que escapam a toda busca científica, pois nada são para a ciência. Com efeito, jamais compreenderemos a existência ou a transcendência a partir do mundo que conhecemos pela ciência.

Tal parece ser, hoje a situação da ciência e da verdade. Voltemos, pois, à nossa questão inicial: *O que significa esta situação para a Universidade, no que concerne à sua tarefa?*

II

Na sua bula de fundação, datada de 1459, Enea Silvio Piccolomini (Pio II), declarou, nos termos de sua época, que a tarefa da Universidade era a «de alcançar o âmago da Ciência graças a um estudo incansável, pois a Ciência mostra e demonstra o caminho que leva à vida boa e feliz; além disto, ela faz o homem instruído semelhante a Deus e o inicia plenamente nos mistérios do mundo».

Ninguém, hoje, ousaria, sem dúvidas, fazer tais promessas, ainda que o espírito dos mais nobres entre os que se dedicam aos estudos possa abrigar tal ambição. A atitude moderna seria, muito mais, justo a inversa: a Universidade deve ensinar a ciência, mais precisamente a ciência moderna, e nenhuma

outra. Aqui, não há lugar para a fé nem para a verdade num sentido que transcenda o das ciências.

A grande questão é pois a seguinte: *a Universidade tem somente por vocação a ciência moderna? Ou, bem, deve ela seguir todos os caminhos do pensamento que possam levar à verdade?*

A própria realidade da Universidade parece dar resposta a esta questão. As ciências encontram-se subdivididas em disciplinas particulares, que se ignoram quase completamente umas às outras. A Universidade é de fato um agregado de grandes escolas dando formação, cada uma, em uma certa especialidade. É uma espécie de grande *magasin*, onde cada um vem buscar os conhecimentos de que necessita para este ou aquele fim. Por trás da organização esconde-se a anarquia intelectual. Os fundamentos da vida do espírito desapareceram, ou então faz-se como se não existissem.

Em nossa época tecnológica, atribui-se uma importância excepcional às ciências da natureza e à medicina. A filologia e as ciências humanas servem apenas para formar professores. Vemos aparecer ciências novas: a sociologia e a economia política. A teologia se mantém, mas seu prestígio é muito limitado. A filosofia não tem mais razão de ser, e sua presença é embaraçosa para todos os universitários.

Em outras palavras, a Universidade corre o risco de ser desmembrada pela existência de diversos institutos e clínicas. Em suas funções de professor, os diretores de instituto têm frequentemente o sentimento de estar cumprindo uma função subalterna. Os investigadores são, cada vez menos, indivíduos que organizam, livremente, em comum, seu trabalho e que dedicam seu tempo a buscar a verdade numa meditação obscura.

A unidade da *Universidade* não é mais que uma palavra; seu desmembramento já está em vias de realização.

Mesmo se esta concepção da Universidade não é inteiramente falsa, creio que a maior parte de nós não a aprova totalmente. Pois a *unidade da Universidade é a idéia sobre a qual repousa nossa vida intelectual*. Mas não será que a unidade da Universidade mudou de significado?

Esta unidade está cheia de tensões e o ponto de ruptura parece iminente: entre a teologia e a filosofia, entre a filosofia e as ciências, entre as ciências da natureza e a história, e, enfim, entre as ciências e a prática. A unidade não será apenas uma aparência, uma sobrevivência que remonta à Idade Média, mas desprovida de sentido e desqualificada há séculos?

A unidade não é constituída pelo simples fato de que as ciências têm em comum um método que se distingue da opinião não-científica.

Ela não existe mesmo quando nos referimos, em palavras, a um conteúdo de verdade no qual, em realidade, não se acredita.

A unidade da verdade não reside em qualquer uma das disciplinas científicas, ou na filosofia, ou na teologia.

Nesta anarquia, só a verdade englobante pode, nas condições da ciência moderna, e desenvolvendo-se pelo pensamento, conquistar uma nova unidade para a Universidade. Mas tal unidade é ainda possível?

Dadas as relações que existem atualmente entre ciência e verdade, o ideal desta uni-

dade não pode mais ser um sistema de noções oculto, a ser descoberto, uma concepção do mundo, e muito menos um modo ideal de percebê-la. Longe disto, de agora em diante, esta unidade só pode se reconstituir no combate que cria um liame intelectual, sem que possua, sob si, uma instância objetiva.

Sua realização depende da evolução dos modos do combate intelectual e da invenção de um combate-comunicação. Para tanto, é necessário a liberdade e a franqueza, comandadas não só por uma liberdade de compreensão, mas também de razões comuns.

A verdade única se encontra no combate de potências que, de um lado, as reúne no método científico que lhes é comum, e de outro lado, relaciona suas origens na medida em que concernem uma à outra, ou seja, se procuram e estão atentas uma à outra. O que é perigoso para a unidade da verdade não é o combate, mas o esquecimento, o desinteresse recíproco, a negação da comunicabilidade como terreno comum.

Se este grande e franco combate travado na arena do espírito, se a idéia de unidade na comunicação, que é o motor de um tal combate, não forem realizados, teremos perdido também a unidade da Universidade, que é função da verdade; esta unidade acabará por ser varrida em benefício de uma unidade exterior, imposta com fins técnicos e políticos.

Por definição, a Universidade é apolítica. Com efeito, a própria idéia de Universidade está acima das noções de Estado ou de nação. Se nos é permitida esta imagem, digamos que o Estado e o povo agitam-na sobre si mesmos, pérola preciosa que escapa às contingências terrestres e paira no espaço infinito do espírito. Tão internacional quanto as Igrejas, ela possui, entretanto, em cada país, um aspecto particular, ligado às tradições deste país e às tarefas que ele lhe confia de modo especial. Mas todo país considera um dever de honra garantir a Universidade contra toda intervenção inepta, ainda que seja da parte de sua própria autoridade. Ele quer que o conhecimento da verdade, ensinado pela Universidade, difunda o que ele mesmo considera indispensável à dignidade de seus cidadãos: a vontade de fundar a si próprio e toda a existência sobre a verdade. Um Estado é caracterizado pelo grau de liberdade de que goza sua Universidade, assim como pelo nível do que ele espera dela.

Sob um único aspecto, entretanto, a Universidade apresenta um caráter político: para poder sobreviver, ela deve tornar público que sua existência está condicionada a uma forma de governo que admite e protege sua liberdade.

A liberdade da Universidade é um dos elementos desta aventura da liberdade em que o Ocidente esteve, até o presente momento, engajado sem companhia, em toda a história da humanidade; pode-se dizer que os primeiros passos desta aventura remontam a dois milênios e meio.

O que é feito dela hoje? A superstição da ciência, que é contrária à liberdade, substitui o verdadeiro espírito científico, e certamente imagina que o saber é ou poderá vir a ser totalitário; estas atitudes têm para a Universidade uma consequência grave: vê-se nela apenas um modo cômodo de realizar objetivos de ordem técnica, pressionando em favor da tendência política do momento. Quando se cometem tais abusos, e nos países de regime totalitário, levados ao extremo, a Universidade deve reconhecer sua própria decadência, ainda que subsista teoricamente, usurpada por um poder que lhe é estranho.

III

A crise intelectual do Ocidente não gerou ainda uma moral incondicionada, persuasiva e consciente de si. No plano existencial não podemos compará-la às crises religiosas do passado. A situação atual é totalmente outra: não somente a liberdade e a verdade são esmagadas pelo totalitarismo, mas toda vida se arrisca a ser anulada numa catástrofe atômica provocada pelo próprio homem.

No limite, nenhum protesto, nenhuma medida preventiva, nenhum método político clássico podem algo contra este estado de coisas; e mesmo se tal ou tal Estado renunciasse à bomba, nada mudaria neste quadro. A questão é saber se, após milhões de anos de silêncio, seguidos por um período relativamente ínfimo de onde a História nos fala, estes poucos milhares de anos que mal começaram, produzir-se-á o suicídio de um gênero que até agora não se viu igual. Outrora, as espécies animais se extinguíam lentamente, incapazes de sobreviver; era um fenômeno natural. O fim da espécie humana será um ato de sua liberdade, o resultado destes poucos milênios de história. Tais milênios nos parecem admiráveis, pois, no universo inconsciente e mudo, são como uma revelação da Verdade. Mas eles são também horríveis, já que a história está cheia de índices que nos mostram que este possível suicídio há muito se preparava.

O homem é capaz de impedir a catástrofe com que ele próprio se ameaça?

No século passado, as universidades celebravam suas cerimônias profanas na satisfação do trabalho cumprido. Aquele século é considerado, sucessivamente, como o da ciência, da técnica e da história; o nosso teria ainda mais razões de se orgulhar de seus progressos nestas três direções.

Em nossos dias, entretanto, a alegria é menos patente. Os grandes pesquisadores são menos numerosos. O fim último, a verdade, não é tão manifesto. Cada vez mais, a pesquisa é interessada e, em consequência, organizada. As descobertas se acumulam em tais quantidades que ninguém pode ter delas uma visão global. Para coroar tudo isso; a ameaça atômica está suspensa sobre nossas cabeças.

Temos sob nossos olhos um espetáculo alucinante: de um lado, o trabalho contemplativo se afasta do mundo, de outro lado, nossa inteligência não sabe mais o que pensar do futuro, e enfim nossos contemporâneos se movem sem propósito ou razão.

Não temos, verdadeiramente, motivo para exclamar, como pôde fazer Kuno Fischer no século passado em Heidelberg: «Celebramos cada jubileu, preparando-nos para os que vêm a seguir».

Foi-nos permitido recordar a idéia de Universidade, e isto é para nós tão necessário quanto o foi ao papa que citamos inicialmente. Mas hoje, cinco séculos mais tarde, não estamos mais (ou não estamos ainda) de acordo sobre o princípio desta idéia. Nenhum dentre nós está habilitado a falar em nome dos outros.

Uma coisa, entretanto, parece-me certa: *preferimos muito mais suportar a mais dura das verdades do que encobri-la, muito mais expor-nos à verdade e sofrê-la, que vegetar na ilusão.*

Se razão e desrazão se confundem em nosso mundo, sem que possamos desembaraçá-las, nos basta acreditar que a razão pode, em todo caso, existir e se impor no mundo, mas não o seu contrário, e que devemos viver por ela.

A missão da Universidade é elucidar ao máximo esta razão com o concurso da ciência, na pureza de seus combates-comunicação.

Protegida pelo Estado, a Universidade goza de uma notável tranquilidade. A investigação científica, a preparação do progresso técnico, a conservação dos valores do passado, a contribuição ativa a uma utilização possível destas tradições, tudo isto é perfeito, mas não é suficiente! Com efeito, se a Universidade se beneficia desta paz, em meio às tempestades, é porque tomamos consciência, em nosso íntimo, da agitação do mundo. *A Universidade tem por tarefa ser o lugar onde nossa época possui a mais clara consciência de si, onde todos os extremos sejam iluminados, seja porque, ao menos num ponto nos damos conta, perfeitamente, da evolução em marcha, seja porque esta luz traz um elemento de solução que atua sobre o mundo.*

Temos muitas razões para desanimar. Vemos muitos de nossos contemporâneos desesperar da verdade e preteri-la em favor da mera sobrevivência.

Vemos gente obstinada em se furtrar à verdade, não mais querendo entender as razões: «Sou assim e ponto, isto é tudo», «quero tal coisa e ponto, isto é tudo», «os homens são assim e ponto, isto é tudo», «assim o quer a necessidade histórica e ponto, isto é tudo»; tantas afirmações falsamente científicas, irracionais, às quais é impossível aderir sem perder o que faz de nós seres humanos: a razão e o amor.

Nosso ideal subsiste mesmo se nós não o favorecemos. Na situação efetiva do mundo, não podemos realizar tudo que nos parece justo. Até agora, não soubemos expressar, com uma clareza convincente, as verdades simples mas essenciais, porque não conseguimos nelas nos inspirar com uma fidelidade exemplar.

Mas, hoje em dia, o que não atua no mundo está condenado a não ser nada. Tudo aquilo que não consegue penetrar na humanidade permanece vão no que concerne ao curso da história em formação. Devemos ousar agir publicamente. Se, desde o momento em que todos os homens aprenderam a ler e a escrever, a democracia é o único caminho da liberdade, da verdade e da paz, seu êxito está ligado a modos do pensamento e a símbolos que são acessíveis a todos.

O que é acessível a todos, é o modo científico de pensar; ao contrário, o saber especializado está reservado aos profissionais, ficando entendido que é dever de cada um ser, num lugar ou noutra, um destes especialistas. Mas a abertura à verdade englobante é, também ela, acessível a todos. Uma minoria tem por tarefa comunicá-la sob uma forma desenhada pelo pensamento.

A Universidade está aí para permitir que o modo científico de pensar possa impor-se, e também para fornecer uma linguagem à verdade englobante.

Ela pode cumprir esta missão se seus professores e estudantes se exercitam cada dia no pensamento racional, que utiliza a inteligência em cada um de seus passos, mas que é mais que inteligência. A inteligência dimana da conversão interior. Digamos ainda uma palavra sobre esta potencialidade oculta em nós, sobre esta pulsação de nossa vida existencial e de nossa atividade intelectual.

Por meio da *auto-crítica*, o simples fato de se propor questões científicas

constitui uma conversão, mas unicamente uma conversão das disposições intelectuais. A conversão sobre o plano da *vontade de verdade* é muito mais: é o ponto de articulação de tudo. Platão foi o primeiro a resgatar esta noção de forma arrebatadora.

Neste plano não se põe a questão do progresso no sentido científico do termo: trata-se muito mais de uma repetição originária que intervém em cada homem e em cada geração. De que se trata em verdade? Não se pode apreendê-lo, é preciso experimentá-la. Ninguém pode passar por lá no lugar de qualquer outro. *Pela conversão, o homem é perpetuamente refundado. Não há verdade sem conversão!*

A conversão é uma das tradições imemoráveis da humanidade. A este respeito, o budismo, o judaísmo e o cristianismo alcançaram resultados espantosos. *Nas condições inteiramente novas que temos hoje, uma conversão é possível e eficaz em larga escala, à luz da verdade racional?*

Se, para retomar as cifras da linguagem bíblica, Deus já aniquilou uma vez a espécie humana com o Dilúvio, se Goethe ao envelhecer pensava que Deus não podia mais encontrar satisfação em sua criação e iria certamente reduzi-la à sua nada original, se representava uma «falsa cifra» o versículo que diz que Deus, após o Dilúvio, prometeu aos homens jamais repeti-lo, se devemos pensar, ao contrário, que é possível que, por culpa humana, toda a vida sobre a Terra, este grão de areia no universo, retorne ao reino mineral, mas sem que haja desta vez um Noé para sobreviver, se assim é, *a verdade, ou seja, o conhecimento pela ciência e a conversão pela razão adquiriram uma importância sem par, na medida em que, de agora em diante, somente ela poderá salvar a mera existência física da humanidade.*

Tudo se passa como se nós nos encontrássemos hoje às portas do destino. Elas estão ainda abertas. Das duas uma: ou bem elas se fecharão pelo aniquilamento da humanidade, ou bem as transporemos encontrando o caminho da liberdade pela verdade, numa conversão interior permanente de cada um de nós. Duvidar desta possibilidade poderia nos desencorajar, pois, reduzida a si mesma, nossa inteligência imagina ver estas portas começando, desde já, a se fecharem.

Mas enquanto ainda é tempo, podemos guardar esperança em nossa capacidade de ação, esta ação ínfima mas insubstituível do indivíduo. Sim, tudo isto depende de nós.

Mas não só de nós! Se pensamos, vivemos e fazemos projetos com a gravidade da fé na razão, então, mas somente então, nossa conversão poderá talvez *secundar a Transcendência*, sem que saibamos como, sem que possamos contar com este milagre, sem que possamos mesmo nos fazer uma simples idéia, a não ser sob a forma de cifras indetermináveis.